

Através das aulas de Educação Física: Atividade lúdica, socialização e inclusão

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo discutir a inclusão, socialização e atividade lúdica escolar de alunos com deficiência a partir de uma observação das aulas de Educação Física em uma escola particular de ensino fundamental da cidade de Salvador do Estado da Bahia. Tratando dos desafios que a escola enfrenta para inclusão de alunos com necessidades educativas especiais e a participação dos mesmos nas aulas de Educação Física. Expondo assim, a importância das atividades lúdicas para o processo de socialização e inclusão e as aulas de Educação Física como um dos fatores fundamentais para promover a criatividade e liberdade de expressão.

ABSTRAT:

This article aims to discuss the inclusion, socialization and recreational activities for school students with disabilities from an observation of physical education classes at a private school in elementary school in Salvador Bahia State. Addressing the challenges facing the school to include students with special needs and their participation in physical education classes. Thus exposing the importance of play activities for the process of socialization and inclusion and physical education as a fundamental factor for promoting creativity and freedom of expression.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física, Educação, Portadores de Necessidades Especiais, Escola.

Este artigo tem como objetivo analisar a participação de crianças com necessidades educativas especiais em aulas regulares de Educação Física, dentro desta análise discutimos as eventuais contribuições das atividades lúdicas tematizadas a partir dos conhecimentos da cultura corporal lúdica infantil expressa por meio do jogo, do esporte, das danças, das lutas entre outras, na participação e aprendizado destes durante as aulas. São observadas as interações sociais, a participação e o aprendizado dos alunos de três turmas, na faixa etária de nove e dez anos, em contexto regular de ensino em uma escola particular de Salvador, a partir dos alunos com necessidades educativas especiais.

A inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais na escola regular exige dos sistemas educativos e das práticas pedagógicas mais do que a matrícula na escola regular. É preciso, sobretudo, participação e aprendizado social, acadêmico e cultural. No que refere-se ao primeiro, a matrícula, muito temos avançado, sobre os outros dois aspectos muito ainda há de ser feito. Algumas escolas, por exigência legal e outras por princípios, têm tentado avançar nas práticas desenvolvidas na cultura escolar para garantir a esses alunos acesso a socialização e ao conhecimento por elas tratadas, mas ainda são muitos os desafios a serem superados.

Para Omote (1995), a escola regular como ambiente social e educacional destaca que a convivência entre alunos deficientes e não-deficientes representa uma conquista não só para o aluno com deficiência, mas para todos os alunos. Além do fato das trocas sociais e do convívio com as diferenças e a diversidade, mudança nas estratégias de ensino, nos currículos e por consequência na estrutura, organização e cultura provocadas por um projeto escolar inclusivo onde beneficiaria a todos os alunos. Como também, aproxima a escola de sua função social orgânica, de garantir a transmissão do conhecimento historicamente produzido e acumulado na cultura às novas gerações, incluindo nesse processo os alunos com necessidades especiais.

Segundo Vago (2010) não dá para abrir mão da escola, sobretudo da escola pública, como possibilidade de alteração do quadro de exclusão que vivemos na atual realidade. Para Azevedo (2002), a escola é uma das principais idealizadoras da formação de conceitos e transmissora de conhecimento ao indivíduo, assim a escola no contexto social torna-se co-autora de ações, criações, recriações, produções e atitudes como interventora na construção do saber e como idealizadora dessas articulações, é o principal sujeito pela busca de outras inovações. Assim, para os autores a escola é espaço de circular culturas infantis, juvenis e da vida adulta. Na escola transmite-se, transforma, produz, reproduz e inventa cultura. É apropriando-se dessa cultura, transformando-a, produzindo-a, ao mesmo tempo se transformando que as pessoas aprendem e desenvolvem-se. As pessoas com necessidades especiais não podem ser privadas do acesso a essa cultura e de sua produção, sobre a razão de não se apropriarem da cultura e seus modos de produção de terem suas diferenças convertidas em desigualdades.

O desafio está posto as disciplinas escolares, desenvolver práticas pedagógicas inclusivas e a Educação Física não pode ficar omissa, ausente ou neutra a esse processo (RODRIGUES, 2006). Ela deve desenvolver em alguma medida estratégias que

potencializem a participação e o aprendizado dos alunos com necessidades educativas especiais em suas aulas. Segundo Vago (2010) ao tomar a escola como lugar de cultura e as aulas de Educação Física como experiência de cultura, sobretudo onde se cultiva e expande o humano direito ao corpo e suas múltiplas possibilidades de expressão. Ao defender essa noção de Educação Física o autor não só afirma a escola como lugar de Educação Física, como também as aulas de Educação Física como espaço de valorização das diferenças, das distintas possibilidades de expressão corporal como forma de linguagem e seus processos de trocas, como espaço de enriquecimento das experiências da infância, juventude e vida adulta.

Devido à menor rigidez nos conteúdos quando comparado a outras disciplinas, flexibilidade na organização de tempos, espaços e conteúdos escolares colocariam a Educação Física como um espaço rico para que atitudes inclusivas sejam construídas (RODRIGUES, 2006). No entanto, segundo esse autor destaca que fragilidades na formação, a manutenção de uma cultura desportiva competitiva e as constantes dispensas se constituem como a realidade mais problemática da participação das pessoas com necessidades especiais nas aulas de Educação Física. Além do fato, da aula de Educação Física não ter total autonomia frente as demais atividades escolares e sociais.

Um aspecto rico nas aulas de Educação Física para o desenvolvimento de atitudes, saberes e valores em relação à educação inclusiva são o fato de promover constantes processos de socialização, próprios dos conhecimentos que ela trata, que são por naturezas dispositivos de relações e aprendizados sociais. Através dos seus conteúdos, esporte, jogo, dança, lutas, capoeira entre outros, próprios da nossa cultura corporal lúdica criam-se espaços ricos de interação e aprendizados sociais.

Ao brincarem de esportes, lutas, jogos, danças as crianças não só se expressam, apropriam-se de valores como também compreendem as relações sociais a elas relacionadas. A dimensão lúdica, presente nessas experiências são a linguagem que a criança necessita para expressar valores, compreender situações presentes na cultura e interagir com o mundo. Segundo Almeida (1990, p. 79)¹:

¹ ALMEIDA, C. S. *Análise dos motivos de encaminhamento de alunos de classes comuns à classes especiais de escolas públicas de primeiro grau*. São Carlos, 1984. 161p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.

[...] brincar não é um ato ingênuo, indefinido, imprevisível, mas um ato histórico (tempo), cultural (valores), social (relações), psicológico (inteligente), afetivo e existencial (concreto) e acima de tudo político, pois, numa sociedade de classes, nenhuma ação é simplesmente neutra, sem consciência de seus propósitos.

Complementando o que traz esse autor York et al (1992)² destaca que as atividades lúdicas permitem que as pessoas de expresse em diferentes formas, que desenvolvam suas criatividade e liberdade de expressão. Quando joga, as crianças conseguem ser elas mesmas. A criança deixa transparecer o que sente, pensa, seus valores e esse pode ser um importante momento para que os professores junto com os alunos reconstruam, produzam, inventem formas de reconhecer e valorizar as diferenças e as potencialidades de todos.

Aqui, a atividade lúdica é entendida como todo e qualquer movimento que tem como objetivo produzir prazer quando executado, presente nas distintas manifestações da cultura corporal lúdica infantil. A respeito do potencial expressivo da atividade lúdica para as crianças concordo com Wini Winnicott³ (1975, p. 10) quando diz que:

Toda a criança que brinca se comporta como um poeta pelo fato de criar um mundo só seu, mais exatamente por transpor as coisas do mundo em que se vive para um universo novo em acordo com suas convivências.

Em cada cultura, em função das suas analogias, as crianças constroem suas identidades, dentro de suas possibilidades e descobertas, tornando aceitável a criação e recriação de objetos e significados, isso independente da sua deficiência. Mrech (2008)⁴

O uso da atividade lúdica como uma das formas de revelar os conflitos interiores das crianças foi, sem dúvida, uma das maiores descobertas da Psicanálise. É brincando que a criança revela seus conflitos. [...] Eles apresentam uma singularidade típica (pag 161)

Weber Fraga (2009, p. 4)⁵ em seu trabalho *O brincar como um recurso para efetivar a Inclusão* diz que a educação especial ainda em nossos dias é fator de

² YORK, J. et al. Feedback about integrating middle-school students with severe disabilities in general education classes. *Exceptional Children*, v. 58, n. 3, p. 244-258, Dec./Jan. 1992.

³ Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

⁴ MRECH, Leny Magalhães. Além do sentido e do significado: a concepção psicanalítica da criança e do brincar. (do livro *O Brincar e suas Teorias*)

desenvolvimento da cidadania que fundamenta e amplia a vivência da democracia, em um país tão cheio de contrastes, ambigüidades e contradições como o nosso.

⁵ FRAGA, Weber. *O brincar como um recurso para efetivar a Inclusão*. 2009

Metodologia do estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 1994), tipo estudo de caso (GIL, 2002), tendo como objetivo principal analisar a participação, aprendizado e interações sociais dos alunos com necessidades educativas especiais em aulas de Educação Física em uma escola particular da cidade de Salvador do estado da Bahia. O conjunto dessas ações observadas, estarem presente, se socializarem, participarem e aprender garantiria as pessoas com necessidades especiais seus processos de inclusão nas aulas.

Para tanto, foram selecionadas para as observações na pesquisa três turmas, sendo uma turma do grupo de 09 anos e duas do grupo de 10 anos, apresentadas no estudo como turmas 09, 10 A e 10 B. Nestas observações como já destacado interessava identificar o nível de participação e socialização dos alunos com necessidades especiais nas atividades propostas para a aula.

A turma 09 era composta por 24 alunos, cujos alunos com necessidades especiais tinham deficiência motora, auditiva e intelectual. Na turma 10 A, composta por 20 alunos, tínhamos uma aluno com Déficit de Atenção. Na turma 10 B, com 19 alunos, os alunos com necessidades especiais tinham déficit de atenção, perda auditiva e deficiência intelectual.

Foram observadas as aulas em quatro momentos e registradas em um diário de campo e, depois, alguns episódios foram selecionados e aqui serão apresentados para nossa análise. Essa seleção e análise foi feita utilizando a técnica de análise do conteúdo de Bardin (MINAYO, 1994).

A presente pesquisa possui o devido respeito à dignidade humana que é exigida em toda pesquisa, seguindo as normas para pesquisa com seres humanos. Os responsáveis pela escola e seus representantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participar da pesquisa. Os nomes da escola, dos alunos serão preservados para que se mantenha o sigilo e identidade dos participantes do estudo.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS CASOS

Grupo 09

O jogo sugerido pelo docente: Futebol de Totó. Um jogo que proporciona noção de lateralidade, espaço e tempo. Dá possibilidades de todos os alunos participarem da atividade.

A aceitação dos alunos não deficientes deu-se em grande proporção, a ajuda mútua promoveu segurança para os alunos deficientes, proporcionando um prazer visível ao tocar na bola e conseguir dominá-la e posteriormente chutá-la.

O aluno com deficiência motora (X) procurou, no início, não tentar, com medo de não conseguir, mas por insistência dos próprios colegas e incentivo do docente, conseguiu dominar e chutar para o gol. Ele vibrou como se tivesse feito o gol da vitória nos últimos segundos do segundo tempo de uma Copa do Mundo. Devido a isso e por ser de uma estatura maior que os outros, X bateu o cotovelo na cabeça de uma colega onde a mesma retornou agressiva com as palavras, X assustado se afastou e outro colega sussurrou em seu ouvido “*pede desculpas*”, X foi lá e assim fez, a colega desculpou e voltaram a jogar.

Grupo10A

O jogo sugerido pelo docente: Futebol de Cinco. O jogo consiste em um rodízio de times, proporcionando o aprendizado do futebol com regras simples acrescidas dos próprios alunos.

Os próprios alunos que dividem os grupos, a escola busca desenvolver nos alunos a autonomia. No momento parecia uma confusão, mas todos estavam entendendo tudo, na forma deles entenderem.

No momento do jogo, o aluno com déficit de atenção (Y) portava-se como todos os outros. Mostrou-se ágil e habilidoso. No momento de trocas de grupos de jogo Y tentava de certa forma “atrapalhar” os colegas e quando era chamado à atenção se comportava. Neste mesmo grupo se aproximou um aluno de mim com Retardamento Mental (W) perguntando o que eu estava fazendo, então respondi “só observando vocês jogando”. O mesmo prossegue: “pra quê?” e eu disse “eu estudo ainda, e o meu professor pediu para que eu fizesse um trabalho e esse trabalho é ficar olhando como vocês jogam, para saber se vocês gostam, se é divertido”. W interrompeu-me e disse “eu

gosto de cantar e estou aprendendo a tocar teclado, você sabe aquela música... cai cai balão, cai cai balão...”. O próximo time a jogar foi o de W, em todos os momentos, ele mostrou-se prestativos aos colegas, tendo sempre o cuidado de não machucar e fazer com que o time não desanimasse.

Grupo 10B

O jogo sugerido pelo docente: Futebol de números. É dado a cada aluno, antes do jogo, um número. Ao iniciar o jogo, o professor diz um número e aproximam-se dois alunos, um de cada time, para fazer o gol.

No momento do jogo, não dava para identificar inicialmente os alunos deficientes. No decorrer do jogo, pude perceber o cuidado dos colegas em avisar a hora deles, e incentivar que ele iria conseguir fazer o gol.

O aluno com Audição Parcial (X) estava muito atento e ansioso. Quando o professor chamou seu número, os colegas empurram X e ele deu um chute só e fez o gol.

Considerações

Remeter as aulas de Educação de Física à responsabilidade de inclusão e socialização não seria coerente. A conscientização por uma inclusão e socialização vai além das aulas de Educação Física, é uma questão de [re]aprendizado da sociedade em geral. Neste momento final, vou me prender as minhas vivências durante meus encontros na escola.

A alegria em praticar uma atividade lúdica era visível. Pensar o corpo e suas possibilidades nos leva a uma percepção de mundo como todo, pois o corpo não se limita em suas próprias “limitações”, mas naquilo que lhe é podado. Como o brincar permite a liberdade deste corpo, o mesmo se comporta de forma variada e prazerosa.

Limitamo-nos quando “quadrificamos” um aluno sem antes viabilizar a potencialidade do movimento através dele [aluno]. Em meu primeiro contato com a turma, pensei que encontraria brincadeiras deficientes, mas o que encontrei foram crianças jogando o mesmo jogo e não se importando com as deficiências. Todos os alunos podem ser bons aprendizes, o que falta são condições de um ensino apropriado.

Sendo um dos documentos considerados de maior importância para direcionar as ações da educação no país, a Declaração de Salamanca⁶ diz:

Crianças com necessidades especiais deveriam receber apoio instrucional adicional no contexto do currículo regular, e não de um currículo diferente. O princípio regulador deveria ser o de providenciar a mesma educação a todas as crianças, e também prover assistência adicional e apoio às crianças que assim o requeiram. [DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 8-9]

Dentro das observações realizadas, foi possível verificar a probabilidade de incluir nas aulas de Educação Física os alunos com necessidades educativas especiais proporcionando a criatividade, alegria, prazer. As diferenças devem ser consideradas como possibilidades de desenvolvimento. É preciso buscar formas, alternativas que sejam realmente consistentes onde seja produzida a igualdade na diferença.

A escola observada possui uma proposta de promover nos alunos a sua autonomia e independência, provocando no aluno a oportunidade de escolhas coerentes para o seu aprendizado e crescimento como um indivíduo [a ser] sendo inserido na sociedade.

Chamou-me atenção o aluno X do Grupo 09 que, em todo o processo das atividades, mostrava disposição, entusiasmo. Não havia diferença na hora da brincadeira e nem necessidade de adaptação do jogo. A sensação que o aluno X teve quando conseguiu fazer o gol foi contagiante, o grupo todo festejou. Quando uma aluna dirigiu-se ao aluno X por ter batido o cotovelo em seu rosto, ela o olhou como uma criança “normal”, sem diferenças. O contato, o modo de falar, a forma de se tocar, de dar risadas. Mostra que cada um tem sua diferença na igualdade da coletividade.

Ser professor de Educação Física não é um ícone com um apito delegando movimentos. Mas um mediador do conhecimento proporcionando o aprendizado lúdico, respeitando os diferentes corpos sem fazer acepções.

⁶ DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais** (Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994).

Referencias Bibliográficas

FREIRE, J. B. *Desenvolvimento da criança e do adolescente*; s.d.

BROUGERE, Gilles. *A criança e a cultura lúdica*. *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v.24, n.2, July 1998

AZEVEDO, Maria Ferreira Melo de. *Lazer na Escola: espaço de alegria e sabedoria*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Lazer), Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte. Natal, 2002.

ALVES, Rubem. *A Intenção Lúdica*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O brincar e suas teorias*. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2008.

OMOTE, S. Ensino comum e ensino especial: a formação e a atuação do professor. *Cadernos da FFC - Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília*, v. 4, n. 2, 1995.